

“A SUPEREXPLORAÇÃO DAS COSTUREIRAS NO PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO DE NOVA FRIBURGO/RJ”

Rômulo de Souza Castro
Universidade Estadual Paulista – UNESP- Marília

Introdução

Este estudo, em fase de conclusão, faz parte do projeto de pesquisa apresentado ao **Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista – Julio de Mesquita Filho / Marília-SP** e pretende analisar como as transformações econômicas, sociais e políticas da transição e do ajuste do modelo de desenvolvimento dependente brasileiro aos parâmetros macro e microeconômicos de um capitalismo "ultra-monopolista" modificaram as relações de trabalho e o cotidiano dos trabalhadores da indústria têxtil e de vestuário em Nova Friburgo, Rio de Janeiro. A pesquisa procura entender as especificidades dos arranjos e combinações da exploração e dominação capitalista na cidade.

A literatura sobre reestruturação produtiva e as políticas públicas e privadas tem como referência os estudos sobre distritos industriais. A partir dos anos 1980 essa literatura emergiu, *“examinando os processos de globalização, a integração dos mercados nacionais aos mercados mundiais e as alterações provocadas pela introdução de novos paradigmas tecnológicos, e seus impactos territoriais. Na verdade, o que ocorreu foi um resgate conceitual do território, em que se propõe estudar as relações interfirmas imersas no ambiente localizado, ou seja, no sistema de produção local. Genericamente, há diversas nomenclaturas (distritos industriais, “clusters”, sistemas produtivos locais, “milieux innovateurs”) que definem uma concentração setorial e espacial de empresas. Nesses conceitos, são incorporados outros elementos relacionados à intensidade das trocas intra-aglomeração, à existência de relações de cooperação, ao grau de especialização e desintegração vertical da aglomeração e ao ambiente institucional, para dar suporte ao desenvolvimento desses aglomerados. (...) O formato clássico dos sistemas produtivos locais - SPLs, com processos inovativos tipicamente localizados, são os chamados distritos marshallianos, especialmente sua vertente contemporânea, os distritos da Terceira Itália.”*(Borin, 2006) A referência para os estudos de sistemas produtivos locais, no caso brasileiro, será justamente a “Terceira Itália”, localizada nas regiões centrais e nordeste do país.

Na década de 90 a Cadeia Produtiva Têxtil e de Confecções foi umas das mais afetadas pela abertura econômica promovidas pelos governos neoliberais da década de 90. A Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN), o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Secretaria de Estado de Indústria e Comércio do Estado do Rio de Janeiro contrataram, em 1997, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) para desenvolver o “Estudo das Potencialidades Econômicas e Competitivas da região centro norte fluminense”. (Ferreira, 2003). Este estudo apontou o setor de confecção como um setor de expressão econômica na região. Em 1999, a FGV realizou um estudo sob encomenda da FIRJAN e do SEBRAE que se intitulou “Desenvolvimento do *Cluster* de Moda Íntima da Região Centro Norte Fluminense”, que se baseava na experiência da Emilia Romagna, na Itália.

Ao mesmo tempo, o Governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) depois de uma pequena mudança em sua política econômica (Boito Jr., 1999) criara em 30 de maio de 2000 o Fórum de Competitividade da Cadeia Produtiva Têxtil e de Confecções como articulador de políticas públicas, que foi composto por organizações empresariais e dos trabalhadores e

órgãos estatais. Teve como objetivo articular uma política nacional que envolvesse os atores locais nos arranjos produtivos locais (APLs) de confecções

Em abril de 2001, este projeto foi escolhido pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), pela Divisão Especial da Câmara de Milão para o Desenvolvimento das Atividades Internacionais (PROMOS) e pelo SEBRAE-Nacional como projeto piloto de desenvolvimento de um modelo de organização setorial baseado nos Distritos Industriais Italianos.

Em 2002, como fruto do acordo BID/PROMOS/SEBRAE foi instituído o Conselho da Moda da Região de Nova Friburgo, pelas cinco instituições que atuavam no setor: FIRJAN, SINDVEST, SEBRAE, SENAI e UERJ.

Com a eleição de Lula (PT) para a Presidência da República o desenvolvimento de Arranjos Produtivos Locais (APL) tornou-se uma política pública industrial. Coube ao Fórum, em consonância com o Grupo de Trabalho Interministerial, criado em dezembro de 2003, articular os esforços para mostrar caminhos de ações coletivas para o desenvolvimento dos APLs de diversas cadeias produtivas. No elo de confecções, a principal política desenvolvida foi justamente o apoio aos arranjos produtivos locais (APL), com foco na competitividade das micro, pequenas e médias empresas.

Assim, no ano de 2004, o Ministério do Desenvolvimento, Comércio e Indústria identificou um total de 955 áreas de arranjos produtivos locais, escolhendo 11 delas, incluindo Nova Friburgo, para a aplicação do projeto piloto intitulado “Projeto Extensão Industrial Exportadora – PEIEx”, desenvolvido em parceria com o SEBRAE e com organizações como a Agência de Promoção de Exportação-Brasil (APEX-Brasil). Esse projeto tem o objetivo de solucionar “problemas técnico-gerenciais e tecnológicos” para “incrementar a competitividade e promover a cultura exportadora empresarial e estrutural dos arranjos produtivos locais (APLs) selecionados.”¹ Além disso, foi realizada a 1ª Conferência Brasileira sobre Arranjos Produtivos Locais em agosto de 2004, em Brasília/DF, com a participação de aproximadamente 400 pessoas e a *Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL)*.

Em 2005, Nova Friburgo passou a integrar o projeto piloto “Programa Exporta-Cidade”, que tem como objetivo integrar a Região centro-norte fluminense ao Programa de Inserção de Municípios no Comércio Internacional, desenvolvido pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio em parceria com prefeituras e entidades públicas e privadas, com objetivo de implantar ações de fortalecimento da competitividade exportadora.

O desenvolvimento do tema foi incorporado no âmbito do Plano Pluri Anual de 2004-2007 e de 2008-2011. Também foi incorporado na Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP) lançado pelo governo federal em 2008 com objetivo de fortalecer cadeia produtiva, Incentivar cooperação dentro das cadeias produtivas e aperfeiçoamento das redes e Arranjos Produtivos Locais desenvolverem produtos de maior valor agregado e expandir exportações².

A adoção de medidas de liberalização do mercado nos anos 90 provocará combinada com a situação de Nova Friburgo provocará um intenso processo de mudança na sua estrutura indústria têxtil e do vestuário. Nos países periféricos do capitalismo, essas novas formas de organização do trabalho se combinam com particularidades dos sistemas produtivos nacionais, e mesmo locais, e com isso se intensifica a exploração, o que conduz a superexploração do trabalho (Marini, 1972).

O Processo de Mudança das Relações de Trabalho em Nova Friburgo

¹ Fonte: www.desenvolvimento.gov.br

² Retirado do Site do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

O processo de industrialização em Nova Friburgo começa nas primeiras décadas do século XX chegada dos alemães Julius Arp e Maximilian Falck³. A chegada dos desses primeiros empresários a Nova Friburgo, no início do século XX, está vinculada a inserção do país na economia internacional (Corrêa, 1985), caracterizada no final do século XIX pelo imperialismo, pela concorrência monopolista que possibilitava a abertura de novos mercados. Através de uma política agro-exportadora, o Brasil foi inserido na economia internacional, desenvolvendo na cidade do Rio de Janeiro um importante porto de importação e exportação, com florescentes atividades comerciais e financeiras. (Ianni, 1965)

Além disso, a acumulação de capital propiciada pelos capitais do café estimulou a *“construção no século XIX, da Estação de Riograndina - inaugurada em 1873 e desativada em 1967 (FERREIRA, 2002) -, que serviria para escoar o café da região do Paraíba, especialmente da região de Cantagalo, revela que mesmo antes do boom industrial gerado pelos alemães, os recursos do café investidos numa estação da cidade já aceleravam a concentração urbana, criando condições para um aglomerado de mão-de-obra a ser utilizado pelas indústrias.”* (Menezes, 2008).

A cidade não realizou atividade cafeeira, mas desenvolveu-se como entreposto comercial e também como região de veraneio para alguns barões do café da região, como o Barão de Nova Friburgo, responsável pela construção da Ferrovia. Além disso, a decadência *“do café no Vale do Paraíba, permitira a formação de um contingente de homens e mulheres para as indústrias. O capital gerado pelo café estimulou também um desenvolvimento e articulação entre comércio, sistema bancário e financeiro, que por sua vez deu a base para que os alemães e ingleses iniciassem os investimentos produtivos.”* (Menezes, 2008)

Em 1911, o empresário alemão Julius Arp, com capital oriundo do setor comercial e financeiro da cidade do Rio de Janeiro, criou as indústrias pioneiras da cidade de Nova Friburgo e com apoio do político friburguense Galdino do Valle Filho⁴, defensor da industrialização, que garantiu a concessão de eletricidade para as indústrias⁵. Havia, ainda, além do apoio de um grupo político local, a vantagem de uma localização geográfica favorável, próxima do Rio de Janeiro, e a presença de um contingente enorme de força trabalho oriunda das fazendas de café da região, em declínio, e das pequenas propriedades de subsistência, representada principalmente por colonos imigrantes que conviveram com a sociedade escravocrata o que possibilitou a manutenção de salários extremamente baixos (Correa, 1985) inferiores à média das indústrias nacionais e mesmo à média salarial do trabalho agrícola da região. Além disso, havia desde 1823 a existência de um pequeno núcleo de colonização Alemã na cidade, fruto do próprio processo de criação da cidade por D. João VI.

O empresário alemão consegue o controle da concessão de energia elétrica na cidade e instala assim a primeira fábrica têxtil na cidade, com a produção de rendas. Em 1912, no Sítio Ypu é inaugurada a segunda fábrica e em 1925 a Fabrica Filó. É importante notar que todas elas controladas por empresários alemães e com a participação de Julius Arp. A

³ Julius Arp possuía uma empresa de importação de máquinas de costura, brinquedos e armas. Em 1895 funda a empresa ARP e Cia. No anos de 1900, a empresa Arp & Cia entra no ramo industrial associando-se em Joinville a Ottomar Kaiser, dono de uma fábrica de meias e fundador da empresa Kaiser & Cia. A produção dessa indústria seria comercializada, na cidade do Rio de Janeiro, pela empresa Arp & Ci, sócia oficial do empreendimento. Em Joinville, Julius Arp conheceu o caixeiro viajante Markus Sinjen, funcionário da empresa importadora Ernesto Beck e Cia no Rio de Janeiro. Markus Sinjen tornar-se-á um dos sócios de Julios Arp no empreendimentos situados em Nova Friburgo. Os Primeiros contatos com Nova Friburgo aconteceram através do amigo pessoal e corretor da Bolsa de Valores, o alemão Maximilliam Falck, sócio da empresa Dennis e Falck que adquirira, em 1911, o Sítio Ypu. Falck nascera em Berlim, no ano de 1865 e teria vindo para o Brasil, aos vinte e seis anos de idade, como funcionário do Brasiltanische Bank Fuer Deutschland.

⁴ Galdino do Vale Filho médico que liderava um grupo político liberal na cidade, defendendo a industrialização e se opondo ao Grupo Político liderado pelo Coronel Galiano das Neves. Galdino fez oposição a Vargas, se exilou por um tempo em Portugal, e depois participou da UDN.

⁵ Conhecido como noite do quebra-lampião.

industrialização pioneira na cidade será completada com a instalação, em 1937, Fábrica de Ferragens Hans Gaiser.

Assim, a formação da classe operária friburguense inicia-se nas primeiras décadas do século XX, entre 1911 - 1933⁶, quando comerciantes e industriais alemães instalam na cidade de Nova Friburgo, localizado na região serrana do Estado do Rio de Janeiro, fábrica têxteis de produção fios de algodão e acrílico, rendas de algodão, fitas, filós, passamanarias e bordados. A partir de estudos historiográficos pode-se perceber um grande processo de mudança social realizado pela ação recíproca (as forças agentes e produtivas) desencadearam uma combinação particular (Ferreira, 2007) no padrão de dominação e exploração da força de trabalho local.

A ação dos capitalistas alemães no início do século XX para instalar as indústrias na cidade, contou com a colaboração de grupos políticos dominantes locais que mobilizaram uma parcela das *“classes subalternas”* em atos políticos para efetivar o projeto⁷. Com essas ações e combinações criou um padrão de dominação e exploração que agiu de maneira a disciplinar camponeses, trabalhadores rurais e sitiados para o trabalho industrial formando a classe operária friburguense.

Entre as décadas de 30 e 80 se consolidou um padrão de exploração e dominação, parecido em certos aspectos com o *“sistema paulista”* (Lopes, 1988), principalmente no tocante a *“fábrica com vilas operárias”*. O diferencial da industrialização friburguense será a fragmentação territorial das fábricas e vilas, isso porque *“as indústrias mais importantes da cidade ocupavam as quatro extremidades do núcleo urbano, como se executassem um grande abraço em torno da cidade. Inegavelmente, as indústrias envolviam todo o espaço correspondente ao núcleo urbano, o que possibilitava um controle estratégico sobre o que era na época o núcleo urbano”* (Emrich, 2007).

As quatro fábricas pioneiras, ARP, Filó, Ypu e Ferragem Hans Gaiser, localizavam-se em quatro pontos relativamente distantes e de saída da cidade. No entorno e nas proximidades das fábricas localizavam-se as vilas operárias. A estrutura de relações sociais de dominação estudada no *“sistema paulista”* aponta para um controle centralizado da produção fabril, da moradia e da cidade. Havia um *“controle direto da força de trabalho não somente na produção, mas também em outras esferas da vida dos trabalhadores fora da fábrica”* (Lopes, 1988), era nesse primeiro momento disciplinar e modelar a força de trabalho.

Não por acaso além da vila operária, próximo das fábricas pioneiras, havia ainda creches e clube recreativos, onde se organizavam jogos e comemorações. Assim, a distribuição espacial das fábricas revela uma estratégia de dominação realizada pelos grupos empresariais e político. Diferentemente do *“sistema paulista”* (Lopes, 1988), o modelo de industrialização da cidade de Nova Friburgo contou com grandes fábricas com vilas operárias, foi construída de modo a impedir, ou dificultar, *“o estreitamento de laços entre os operários”* (Emrich, 2007), o padrão de dominação e exploração constituía-se por uma forte interferência, ou *“controle”* dos empresários sobre os trabalhadores

As grandes unidades fabris, localizada em diferentes pontos da cidade possuem construções imponentes e *“foram responsáveis por empregarem grandes contingentes de operários, atraindo uma mão-de-obra rural até os dias de hoje. As movimentações da cidade, portanto, tornavam-se bem marcadas pelos apitos ou sirenes de fábricas e pela massa operária que ia engrossando suas ruas.”* (Menezes, 2008).

⁶ De acordo com o estudo de Victor Emrich. Trabalho, Greves e Futebol. Luta, Identidade e Sociabilidade na Formação da Classe Trabalhadora Friburguense (1911 - 1933).

⁷ Noite do Quebra-Lampiões.



Ilustração 1. Time de Vôlei Feminino da Fábrica de Rendas Arp. 1937.

Além disso, a ocupação de Nova Friburgo foi também feita por homens livres, muitos dos quais imigrantes e filhos de imigrantes (alemães e suíços), em sua maioria camponesa, posseira e agregada. Viviam na “*brecha da economia agro-exportadora*”, atuando na produção de alimentos ou em pequenas atividades urbana ligadas ao comércio decorrente da instalação de estação da estrada de ferro (Menezes, 2008) e da colonização helvética-alemã

As fábricas alemãs começaram como pequenas unidades de poucos operários (cerca de trinta na Arp), com uma larga flexibilidade, especialmente utilizando o trabalho em domicílio. Ainda nos anos 1930, há predominância do trabalho feminino e de menores de idade nestas unidades têxteis. (Corrêa, 1985) Desta forma, a cidade criava uma imagem típica de uma incipiente industrialização: regime rígido, crescente número de trabalhadores, iniciativas familiares, trabalho em domicílio. E, claro, não poderíamos esquecer dos baixíssimos salários, também bastante característicos de unidades têxteis com trabalho feminino.

Na comemoração do centenário da fundação da cidade, em 1918, inicia-se uma construção ideológica de uma identidade cultural que correspondesse aos interesses industrializantes e modernizantes. Nessa comemoração apontava-se para três pontos: “*a natureza bela e pródiga; a história, significando a visão providencial de Dom João VI ao criar uma colônia diferente do que já havia no Brasil, com mão de obra livre de colonos europeus trabalhando em pequenos lotes de terra com policultivo; elogio do trabalho livre, da livre iniciativa, em contraposição à condenação ao trabalho escravo*” (Araújo, 2003) e o próprio negro.⁸ Criavam-se assim as tradições e simbologias que viriam fazer parte da imaginação da cidade.

A ação da elite política friburguense, de intelectuais e de industriais alemães ainda que não coordenada e representada por um grupamento, associação, sindicato ou partido específico criam um mito, uma ideologia do progresso, cuja expressão “Suíça Brasileira” será sua síntese⁹.

A ação das classes dominantes procura imprimir uma visão e divisão de mundo, não só através do discurso, mas também na organização territorial das fábricas. Essa ação dos industriais não se realizará sem conflitos com a incipiente a classe operária friburguense, uma

⁸ Tal construção ideológica é construída pelo intelectual Agenor De Roure, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que faz o discurso no centenário da cidade.

⁹ Seguindo as indicações Marieta de Moraes Ferreira, “A construção dessa identidade não resultou de uma operação deliberadamente planejada por alguns setores da sociedade” (2000), mas de uma junção de elementos dispersos que foram sendo articulados, principalmente a partir de 1918 com a intervenção do intelectual Agenor De Roure, do IHGB.

vez que era necessário disciplinar a força de trabalho. Os primeiros conflitos se realizam devido às diferenças salariais entre operários alemães e brasileiros. Posteriormente a exploração maior que sofriam crianças e mulheres acirrou conflitos internos e levaram ao movimento de resistência e luta, formando a classe ao mesmo que ação política e empresarial utilizava-se do mito da “suíça brasileira”. Vale lembrar, que essas primeiras formas de resistências se davam de maneira coletiva e informal, sem uma grande organização. A rígida hierarquia da fábrica controlada pelos contramestres e supervisores alemães e a continuação da superexploração do trabalho (Marini, 1972), principalmente sobre as mulheres, levará em 1933 a uma greve geral na cidade organizada pelo sindicato, recendente fundado.

Mas com a Revolução de 1930 e ascensão de Vargas estabelece uma identidade de cidadão-trabalhador, objetivando a indefinição das fronteiras entre o pequeno empreendedor e o operário (GOMES, 1994) o que de certa maneira vai de encontro à identidade cultural construída na cidade. Assim, os primeiros sindicatos são organizados já com sob influência e liderança de políticos pró-Getúlio.¹⁰ O verdadeiro poder desta ideologia, no entanto, baseia-se na construção da imagem do “trabalhador”, destituído de seu “particularismo operário” (CASTEL, 1998), representada segundo valores e termos auto-construídos pela nascente classe operária brasileira, mas tomados em outro contexto discursivo (GOMES, 1979).¹¹

Na cidade, o grupo político hegemônico estará vinculado a Ditadura Vargas e posteriormente ao **Partido Social Democrático (PSD)**, onde permanecerá no poder entre 1945 e 1964, até o golpe civil-militar, com uma pequena interrupção para um governo da União Democrática Nacional (UDN).

As indústrias pioneiras além de todo domínio na cidade, territorial e econômico principalmente, contavam com ação dos empresários alemães no cotidiano da cidade, tornando sua figura sempre presente e reafirmando sua atitude “empreendedora”. Na década de 50 o processo de industrialização das pioneiras fábricas é consolidado, assim como a ideologia da Suíça Brasileira (Araújo, 2003). Nesta década ainda são fundadas mais duas empresas têxteis, em 1953, as Indústrias Sinimbu e, em 1958, a Hak Fusos e Passa-manarias. Todas essas empresas concentravam-se na fase de Fiação, Tecelagem, Malharia e Acabamentos de Fios e Tecidos. Além disso, inicia-se um processo de diversificação industrial com instalação de outras indústrias metalúrgicas, de plástico, mecânica e do vestuário.

Em 1968, a Triumph Internacional, uma das maiores empresas de confecções de *lingerie* do mundo, comprou a fábrica têxtil (Filó) e manteve a produção de diversos produtos têxteis além da produção de *lingerie*, transformando a empresa na maior confecção da cidade. Tendo ali se implantado¹² para aproveitar os baixos salários da região, durante as duas primeiras décadas, a empresa estava organizada nos padrões fordistas, produção verticalizada de produtos padronizados (Borin, 2006) com todas as fases da produção no interior da fábrica.

A partir de então, a Filó, adquirida pela Triumph começa a criar um grande setor de operárias costureiras para produção de roupa íntima. Dentro de todo o processo produtivo a confecção, a última fase do processo produtivo têxtil, se constitui a atividade menos automatizada do processo e onde há o uso intensivo da força de trabalho. Com isso, há uma mudança na fábrica no final dos anos 80 que ao mesmo tempo em que mantém a parte de fiação e malharia se concentrará na confecção de *lingerie*.

A partir da ação “indireta” desta empresa se iniciará uma mudança no sistema de relações sociais de dominação, que gera outras configurações possíveis no interior do modo de produção capitalista e no interior do conjunto de relações dentro da classe operária e entre esta

¹⁰ O advogado Comte Bittencourt. Além disso, apesar de algumas tentativas o Partido Comunistas do Brasil (PCB) não conseguiu uma grande influência entre o operariado local, ainda que tenha eleito um vereador na década de 60 antes do golpe.

¹¹ Citado por Menezes, 2008

¹² Segundo reportagem do jornal local “A voz da serra”, a implementação da Triumph Internacional na cidade se realizou através de negociações com a prefeitura. O prefeito chegou a viajar para Europa onde iniciou as conversações.

e o patronato. A crise econômica da década de 80 afeta fortemente a indústria local, e com isso inicia-se um processo de reestruturação e enxugamento, desencadeando demissões em massa com o fechamento da Fábrica Ypu, e a transferência de planta industrial, como metal-mecânica Iwega e a fábrica de bebidas Teacher.

Com há mudança nos anos 70 no setor de industrial concentrando-se no setor de confecção, nos anos 90 a cidade vai seguir uma tendência com o grande crescimento de micro e pequenas empresas do vestuário, uma vez que o setor têxtil de fiação e malharia passa a depender de grande aporte de capital devido as grandes inovações tecnológicas do setor. (Jinkings e Amorim, 2006). É interessante notar que o processo friburguense de micro e pequenas empresas não serão formados a partir de formas de terceirização da produção.

Outras indústrias reduzem o número de trabalhadores, como a Triumph que demite centenas de costureiras. Com isso, há um processo de retorno ao trabalho familiar incentivado por um representante comercial¹³ de uma indústria de tecido, que “financiou máquinas de costura (comprou 126 máquinas de costura usadas nas grandes empresas), em contrapartida, os tecidos deveriam ser comprados com ele.” (Borin, 2006)

No caso friburguense, além da Triumph International, três empresas, só que do setor de fiação e tecelagem se reestruturaram: Rendas Arp, SINIMBU e HAK. Todas eram grandes fábricas fordistas que concentravam um grande número de operários, em diversas seções, concentrando grande parte da cadeia produtiva dentro da própria indústria.

Arp, HAK e SINIMBU apesar da crise na indústria têxtil dos anos 90, conforme a mesma tendência, e a despeito da heterogeneidade do setor, conseguiram adquirir novas máquinas e implantar inovações organizacionais oriundas do modelo toyota.¹⁴ As três empresas empregam em torno de 600 funcionários. No último ano ARP demitiu cerca de 200 trabalhadores e adquiriu novas máquinas de tecelagem.

A Triumph International trata-se de um Holding, com sede administrativa financeira na Alemanha. Em 2006 centralizou seu pólo de criação em Hong Kong. Tem um faturamento anual de 1,6 bilhões de dólares, atua em 125 países, com unidades produtivas (filiais ou representantes) e tem 800 lojas de distribuição dos seus produtos. A única unidade produtiva direta na América Latina é em Nova Friburgo onde possui 793 trabalhadoras, mas já chegou a 3000 trabalhadoras ainda na segunda metade dos anos 90 e passa a se concentrar na produção de lingerie. Recentemente a empresa começou a terceirizar parte da mão-de-obra, incentivando a criação de confecções controladas por antigos gerentes em cidades vizinhas, como Cachoeiras de Macacu e Trajano de Moraes, cidades sem tradição industrial.

A instalação da multinacional na cidade já muda certos aspectos locais, como por exemplo, a atuação do empresário no cotidiano da cidade e a mudança na configuração da cadeia produtiva têxtil e de vestuário.

Devido a este quadro recessivo e com o grande número de desempregados especializado no “segmento de *lingerie* e sem perspectivas de emprego devido à crise econômica brasileira do período, muitos resolveram aproveitar as indenizações para comprar suas máquinas de costura e iniciar seu próprio negócio. Todo esse processo resultou na criação de várias MPE's de confecções, o que caracterizou fortemente a formação da indústria de moda íntima em Nova Friburgo. Pode-se dizer que o arranjo produtivo existente em Friburgo, hoje, surgiu de um processo espontâneo em função de as pessoas possuírem um conhecimento tácito que foi muito aplicado às atividades das micro e pequenas confecções” (Borin, 2006).

¹³ Silvio Montechiari

¹⁴ A ARP atua na fabricação de fios industriais de algodão, acrílico e misto (algodão e acrílico) e possui uma linha de Fios Panda para trabalhos artesanais como tricô ou crochê, bordados e trabalhos manuais. Hoje ela é líder nas Américas no mercado de bordados. A SINIMBU atua na fabricação de fitas decorativas, fitas de cetim, rendas de algodão e elásticos para lingerie. A Hak atua na preparação de fios, almoxarifado, retorcedeiras, urdideiras, trançadeiras, rimoldi, teares de agulhas, engomadeiras, acabamento e expedição

A construção de um “padrão” de dominação e exploração exercidas através do controle das primeiras fábricas nas vilas operárias, em locais dispersos que dificultavam o encontro entre trabalhadores, além da construção de uma ideologia dominante própria, que variou de suíça brasileira para paraíso capitalista, onde as indústrias forneciam serviços sociais e atividades culturais, como bailes no final de semana, e esportivas, campeonatos de futebol e vôlei, centrais para a sociabilidade das operárias e operários, como escolas, creches, refeições e jogos esportivos. A partir da ação das empresas para disciplinar a mão-de-obra criou-se uma cultura de clubes de fábricas.

O desenvolvimento global do capitalismo pós-anos 70, com o crescimento de toda indústria do entretenimento e comunicação, a conjuntura da política econômica brasileira dos anos 80 e o crescimento do núcleo urbano local levará a mudança completa de um antigo padrão de dominação e exploração, concentradas em grandes unidades fabris com vilas operárias que constituía um exemplo do progresso industrial da cidade..

Neste processo milhares de trabalhadores saíram da visibilidade das grandes unidades fabris para invisibilidade de pequenas e micro confecções, localizados em meio a bairros residenciais. Inicia-se a mudança nas relações de trabalho e na vida cotidiana dos trabalhadores e trabalhadoras da cidade. Há uma relação de continuidade e descontinuidade das experiências da classe operária constituída e uma multiplicidade de mudança nas relações de amizade, familiares, de gênero e geracionais.

O processo de demissão em massa e o rearranjo industrial em micro e pequenas empresas modificará a composição da classe, que passa a ser majoritariamente feminina dispersa em uma centena de locais de trabalho, que têm em sua maioria, até nove trabalhadores. Cria-se no momento de necessidade o “agente” micro-empresário, que ficará na memória coletiva dos outros trabalhadores como modelo de ascensão social.

Neste sentido a criação das confecções na região se inicia através de uma espécie de economia doméstica com pequenas confecções oferecendo peças a preços muito baixos no mercado, formado, principalmente por sacoleiros. As primeiras unidades utilizaram as relações de parentesco e amizade em regimes de informalidade. Uma das primeiras medidas de organização empresarial local foi à realização em 1992 da I Feira de Vestuário (Fevest), e que até hoje se realiza na cidade durante uma semana do mês de agosto.

A criação do **Pólo de Moda Íntima de Nova Friburgo e Região**, propriamente dito, começou em 1997, por meio de estudos sobre APLs patrocinado pela FIRJAN e pelo SEBRAE, realizado pela FGV. E são essas duas instituições que organizam e promovem as ações para tentativa de desenvolvimento do pólo a semelhança dos distritos industriais italianos.

O trabalho na confecção geralmente é dividido em quatro fases: Corte, Costura, Acabamento (controle de qualidade) e Embalagem. Sendo que há uma operária para cada fase do processo produtivo. O trabalho geralmente excede às oito horas diárias e muitas vezes há pressões para não filiação ao sindicato dos trabalhadores do vestuário. Além disso, há em muitos casos um trabalho contínuo onde a máquina não para¹⁵. Em relação a maquinário a parte de corte já dispõe de equipamentos computadorizados, que têm como base as tecnologias Computer Aided Design (CAD) e Computer Aided Manufacturing (CAM), está restrito a um pequeno grupo de confecções. Mas através da coordenação do Pólo por parte da FIRJAN e SEBRAE estes serviços são disponibilizados pelo Campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Campus Regional Instituto Politécnico, através da Unidade Computadorizada de Corte (UCC) e do Laboratório de Apoio a Produções (LAP) vinculadas ao Laboratório de Ensaios Mecânicos e Metrologia (LEMec).

¹⁵ Segundo entrevista, não há pausa durante o processo de trabalho, sendo servido de mesa em mesa um café e biscoitos para as costureiras.

Além desse trabalho, há a parte de criação, dividida em Design, Modelagem e Pilotagem (protótipo da peça). Essa fase é extremamente individualizada e realizada de forma independente pelas empresas (Cavalcanti et All, 2005). Em algumas confecções o desenvolvimento de novos modelos de lingerie está vinculado ao núcleo familiar de origem da empresa, geralmente a filha que cursou uma faculdade de moda. Neste sentido o Conselho de Moda criou o Núcleo de Apoio ao Design do Senai (NAD/SENAI) com objetivo de desenvolver uma padronização dos produtos e qualificação para o setor. Nesta parte praticamente não terceirização do serviço (Cavalcanti et All, 2005).

Assim, as duas instituições, UERJ e SENAI, que trabalham no desenvolvimento tecnológico e inovativo do setor através da coordenação do Conselho de Moda. Com isso, foi criado pelo Senai Moda o Selo de Origem e Qualidade para o setor, que padroniza o tamanho das peças. Entretanto, há pouca relação com as instituições. Apesar dessas dificuldades existe troca de informação entre empresas que tem laços familiares, amizade e/ou vizinhança. Mas são raros os acordos com Universidades ou centros de tecnologia.

A administração da indústria de confecção ainda é muito familiar, sendo que em boa parte dos casos analisados¹⁶ a gestão e o controle da produção são realizados por membros familiares, na grande maioria de forma precária. (Borin, 2006). É interessante notar ainda que as relações de amizade e familiares sejam utilizadas como meio de diminuir o conflito capital/trabalho, e como forma de ativar uma colaboração de classe¹⁷ por parte das costureiras.

Com a ação da FIRJAN, do SEBRAE e do Sindicato da Indústria de Vestuário de Nova Friburgo (Sindvest) através do Conselho da Moda foi criada a Associação das Indústrias de Confecção (Afinco). Além disso, foram criados consórcio de exportação para empresas do pólo. Com isso, uma parte do patronato local incorpora os discursos empresariais contemporâneos:

*“Muito mais do que vender lingerie, a gente vende **sonhos** para uma mulher que se gosta e que quer, antes de tudo, se sentir bem consigo mesma e se hoje as mulheres compram sonhos, as de Nova Friburgo sabem transformar esses sonhos em empregos, renda e prosperidade.”* concluiu Caroline Chelles, empresária de umas das maiores confecções da cidade.

Mas a despeito de toda a tentativa de organização da produção local, das 1464 confecções formais só 60 participaram da FEVEST, que não contou com importantes indústrias locais. Além disso, o piso salarial hoje das operárias – costureiras – é de um salário mínimo brasileiro.

Um novo padrão de dominação?

È mister notar que o padrão inaugural das relações industriais friburguense se deu através da superexploração do trabalho (Marini, 1972) e com uma dominação exercida no controle cotidiano dos trabalhadores através das Vilas operárias. Para compensar os baixos salários boa parte dos operários mantinha ainda uma economia familiar, uma pequena produção de agrícola para subsistência e, às vezes, para venda em feiras locais. Assim, havia uma superexploração compensada com a economia doméstica.

A construção de um “padrão” de dominação e exploração exercidas através do controle das primeiras fábricas nas vilas operárias, em locais dispersos que dificultavam o encontro

¹⁶ Em 40 empresas que participavam da Feira do Vestuário – FEVEST – realizada entre 05 e 08 de agosto.

¹⁷ “*Colaboração de classe*, como sendo: 1) Qualquer ação por membros de uma classe dominada que, visando evitar o confronto e a luta, cria uma convergência de objetivos e demandas com os membros da classe dominante (incluindo os aparelhos e instituições estatais de poder) e que tem como efeito o compartilhamento de interesses com estas classes superiores ou alguma de suas frações ou grupos concretos. 2) Ou inversamente, qualquer ação de membros da classe dominante que siga a mesma mecânica.” (Ferreira, 2007)

entre trabalhadores, além da construção de uma ideologia dominante própria, que variou de suíça brasileira para paraíso capitalista, onde as indústrias forneciam serviços sociais, como escolas, creches e refeições aos funcionários pode ser um modelo muito próximo ao “Sistema Paulista” de Leite Lopes, ou uma variante da forma de dominação fábrica-vila operária. Essa variante se consolidou entre os anos 50 e 70, sendo as indústrias têxteis um grande símbolo para cidade e considerada pela população um bom local de trabalho, e que conferia certo status aqueles operários que trabalhavam nestas empresas.

Por outro lado a incorporação de novos espaços industriais na segunda metade do século XX, além da expansão do núcleo urbano provocará mudanças, onde a atuação do poder municipal parece ser fundamental para garantia do padrão de exploração e de dominação. No início dos anos 70 como tentativa de ampliar o pólo têxtil e industrial da cidade, políticos locais negociaram a vinda da multinacional Triumph para a cidade, adquirindo a antiga fábrica de Filó.

A chegada da Triumph simboliza ao mesmo tempo a chegada dos “novos tempos capitalistas” e a mudança na forma de dominação e exploração local, isso porque no modelo de organização industrial local o patronato agia diretamente na vida cotidiana de seus operários. Com a vinda da multinacional, aliado com outros fatores, como o crescimento do núcleo urbano e o desenvolvimento do capitalismo nos últimos trinta anos, modificará essas relações, uma vez que a dominação capitalista não ficará mais restrita ao controle direto da vida cotidiana por parte dos burgueses, como acontecia nas vilas operárias.

A multinacional será a primeira empresa – no ramo do vestuário – a adotar os protocolos toyotistas de gestão e organização do trabalho. Isso na prática significou a montagem de células de trabalho, constituídas de 8 a 10 funcionárias, que devem saber trabalhar nas diferentes máquinas de costura: prespontadeira, reta, overloque, caseadeira, e *travetti*. Além disso, adotou metas de trabalho de cada célula. É ainda interessante notar que apesar da adoção de protocolos toyotista a Filó/Triumph mantém todo o processo de produção da cadeia têxtil e do vestuário internamente, da fiação a costura.

Essa polivalência teve como principal consequência a quebra do controle da produção pelas costureiras, quebra das formas cotidianas de resistências cotidianas¹⁸, como por exemplo quando quebrava a máquina a costureira cruzava os braços e só voltava a trabalhar quando o técnico consertava. A adoção da polivalência levou a quebra dessa forma informal e individual de resistência.

No início dos anos 90, o crescimento do núcleo urbano e a própria conjuntura da política econômica dos anos 80 levará a mudança completa de um antigo padrão de dominação e exploração, concentradas em grandes unidades fabris com vilas operárias que constituía um exemplo do progresso industrial da cidade.

Nos anos 90, as políticas econômicas dos governos neoliberais, iniciado com Collor (1990-1992), atingirão o setor têxtil e de confecção de maneira profunda. As grandes unidades fabris reduziram seus números de funcionários, enquanto outras acabaram encerrando suas atividades. Nesse processo milhares de trabalhadores saíram da visibilidade das grandes unidades fabris para invisibilidade de pequenas e micro confecções, localizados em meio a bairros residenciais.

Inicia-se um processo forçado de reestruturação produtiva nas grandes indústrias e uma mudança nas relações de trabalho e na vida cotidiana dos trabalhadores e trabalhadoras da cidade. Há uma relação de continuidade e descontinuidade das experiências da classe operária

¹⁸ “a resistência abrange qualquer ação de indivíduos ou grupos que se encontram numa mesma condição de classe, que vise barrar as demandas dos grupos ou classe dominante, ou realizar demandas que entrem em choque com aqueles grupos dominantes (...) As “**formas cotidianas de resistência**” se apresentam normalmente como informais, individuais e anônimas, e frequentemente se expressam em certas técnicas (como o furto, a sabotagem, o boicote, a sabotagem, a agressão física, a dissimulação).” (Ferreira, 2007)

constituída e uma multiplicidade de mudança nas relações de amizade, familiares, de gênero e geracionais.

Além disso, a formação de uma comunidade corporativa/liberal impulsionada principalmente pela elite econômica local que desde o início da industrialização defendeu uma forma de identidade cultural cuja expressão fundamental é a “Suíça Brasileira”, como expressão de um projeto político burguês liberal, facilitado pela ideologia do trabalhismo que construiu a imagem do trabalhador destituído de seu particularismo operário.

Pode-se perceber uma desestruturação do grupo operário das fábricas da cidade. Conseqüência direta das mudanças ocorridas que levará ao desemprego centenas de operários, desencadeado pelas demissões em massa. Com isso é uma grande quantidade de trabalhadoras voltará ao trabalho doméstico de costureira dando início a um processo de formação de micro e pequenas confecções de fundo de quintal na cidade. Além disso, dentro deste processo a própria Triumph venderá máquinas costureira que será comprada por fornecedores de matérias primas, como o empresário Sílvio Montechiari que arrendará as máquinas em troca do fornecimento exclusivo de matéria primas. Atualmente existem quase três mil confecções, a maioria micro e pequenas empresas, sendo que a metade é informal, ou seja, não tem registro *legal*.

Com as demissões o futuro “Pólo” se organizará de forma precária a partir da necessidade de sobrevivência sem demanda de grandes empresas, sejam elas grandes indústrias ou redes varejistas. Formará uma cadeia produtiva local precária e “autônoma” que movimentará um mercado de trabalhadores informais como “sacoleiros” em um processo de competição predatório que levará há falências de várias confecções pioneiras.

Neste sentido há um processo de reestruturação produtiva e de transformação da classe operária. Uma mudança da vida cotidiana fruto da diminuição da classe operária, de tecelões, constituída nas décadas passadas. Esta situação provocará ainda a perda da centralidade destes operários e fábricas na cidade, provocando fortes mudanças nas relações sociais e a emergência de novas formas de sociabilidade a partir da formação de um novo padrão de exploração e dominação capitalista.

Como indica Beaud e Pialoux (1999) os operários “desapareceram da paisagem social”, não por que não existem mais, mas porque de forças sociais, “os operários tornaram-se objetos de compaixão ou de indiferença” (Braga, 2006). Neste sentido a condição do operário friburguense sofre grandes rupturas. Na cidade em que a identidade operária era construída em relação à paisagem de grandes indústrias, associada à prosperidade e progresso, para uma cidade onde os locais de trabalho estão escondidos em fundos de quintais e dispersos por alguns bairros. O processo de demissão em massa e o rearranjo industrial em micro e pequenas empresas modificará a composição da classe, que passa a ser majoritariamente feminina dispersa em uma centena de locais de trabalho, que têm em sua maioria, até nove trabalhadores.

O trabalho na confecção geralmente é dividido em quatro fases: Corte, Costura, Acabamento (controle de qualidade) e Embalagem. Sendo que há uma operária para cada fase do processo produtivo. O trabalho geralmente excede às oito horas diárias e muitas vezes há pressões para não filiação ao sindicato dos trabalhadores do vestuário.

A administração da indústria de confecção ainda é muito familiar, sendo que em boa parte dos casos analisados¹⁹ a gestão e o controle da produção realizada por membros familiares. É interessante notar que o desenvolvimento de novos modelos de lingerie em boa parte dos casos está vinculado ao núcleo familiar de origem da empresa, geralmente a filha, e em outros casos a contratação de serviços externos. É interessante notar ainda que as relações de amizade e familiares sejam utilizadas como meio de diminuir o conflito capital/trabalho, de produzir consentimento e como forma de ativar uma colaboração de classe por parte das costureiras.

¹⁹ Em 40 empresas que participavam da Feira do Vestuário – FEVEST – realizada entre 05 e 08 de agosto.

“O pólo é composto, principalmente, por micro e pequenas empresas, bastante desorganizadas e tecnologicamente defasadas. Os empresários têm pouca capacitação gerencial. Sua produção é especializada nos chamados produtos de moda íntima e a qualidade deixa a desejar. O destino da produção é concentrado nas classes econômicas de baixo poder aquisitivo e, na distribuição, predominam os esquemas de sacoleiras.” (Prochenik, 2006)

O pólo se iniciou informalmente e posteriormente contou com a ação da FIRJAN e do SEBRAE no sentido de organização as empresas “ao modelo italiano”. Porém, as ações governamentais e empresariais só atingiram um pequeno número de empresas. Este tipo de ação está dividindo o setor formal, com um grupo restrito de empresas aderindo às propostas, sem, contudo significar alguma melhoria para condição e situação de vida das operárias friburguenses, muito pelo contrário. É importante frisar que algumas empresas se modernizaram adotando os recentes métodos de administração e organização da produção sem estar no campo de relações das empresas vinculadas a APL e as iniciativas do SEBRAE. Neste sentido é importante frisar que o Sindicato Patronal possui um pouco mais de centenas de filiados, a despeito de mais de hum mil confecções.

A heterogeneidade das relações industriais é uma forte característica do setor, além da dispersão geográfica o que ajuda a dificultar a relação de cooperação e solidariedade entre as trabalhadoras, sendo usado pelos empresários e suas associações para dividir as operárias.

Neste caso temos no geral um alto número de pequenas confecções de até 20 operárias, que chega a quase 70% do pólo. Neste segmento ainda temos a divisão entre as empresas formais e informais. Neste sentido, a alta informalidade serve para depreciar o salário e o “micro-empresário” tornar-se o símbolo da ascensão social. Uma relação de trabalho, antiga, é o trabalho a domicílio. Muitas confecções fecham para trabalhar a domicílio. Conseqüência disso é que os baixos salários também estimulam muitas vezes as operárias a arrendarem ou comprarem máquinas de costura para abrir sua confecção.

Formal	Superior – participação em eventos nacionais e internacionais, exportação de produtos, inovação dos produtos e atenção à moda, contratos regulares de trabalho. Boa organização administrativa e do processo produtivo. Contato com grandes marcas e empresas, como Avon. Pagamento de “extra” para manutenção de costureiras e do padrão de produção.
	Inferior - Contrato regulares de trabalho, produto com materiais em geral inferiores, relativa atenção à moda, pouca inovação de produtos. Regular organização administrativa e do processo produtivo.
Informal	Inferior – Produtos com material em geral inferiores, sem contrato de trabalho, venda para preços baixos. Organização ruim da administração e do processo produtivo.

A situação das operárias friburguenses é expressa no baixo salário, um salário mínimo de acordo com o piso da negociação coletiva de 2009, que recebem e nas condições de trabalho. Esses empregos em sua maioria de baixa qualidade, principalmente na informalidade e contado com o controle rígido dos patrões no “chão das fábricas”. Em muitas confecções o trabalho é ininterrupto durante as oito horas diárias, com passagem de café e biscoito como lanche e até proibições de ir ao banheiro e de conversa entre as operárias.

A adoção de protocolos toyotistas é restrita as médias e grandes empresas que copiam as inovações da multinacional. Porém, uma “boa costureira” é considerada aquele com alto nível de produtividade e polivalência, ou seja, que produza muita e saiba trabalhar em diversas máquinas. Dessa maneira, como indica Alves (2000) existe um Toyotismo Sistêmico, com adoção de formas de organização e recrutamento da força de trabalho.

As costureiras no geral são acometidas de um alto grau de lesões por esforço repetitivo, problemas renais, devido a proibição de levantar para ir ao banheiro e beber água, problemas circulatórios, uma vez que ficam muito tempo sentadas e a problemas auditivos, já que as máquinas produzem muito barulho.

A “cultura clubística” que era mantida pelas fábricas não existe mais, uma vez que as empresas adotaram novos padrões de gestão e organização da força de trabalho fruto do desenvolvimento do capitalismo nas últimas décadas e da adoção do toyotismo como modelo de produção.

No atual estágio do capitalismo a dominação não fica mais a cargo apenas do patrão direto, no chão de fábrica e na vila operária, todas as atividades de lazer estão associadas à indústria do entretenimento. Mantém a organização da vida a partir dos burgueses, mas não mais simplesmente do “capitão da indústria” que organizava praticamente todas as atividades de lazer nos clubes recreativos e de esporte. Neste sentido, a mudança social na cidade produz uma realidade mais complexa, pois ao mesmo tempo em que encerrou uma forma de sociabilidade e determinou o fim de uma classe operária, abriu outras perspectivas, uma vez que outras atividades de lazer dependem em grande parte da ação dos trabalhadores, mas foram preenchidas pelas novas formas de entretenimento produzidas pelos capitalistas.

As empresas do campo formal superior aderem aos padrões mais contemporâneos de gestão, com preocupação com treinamento gerencial e técnico profissional, máquinas mais modernas e maior organização do processo produtivo. Participam dos principais eventos de moda e do setor no estado do Rio de Janeiro, como o Fashion Rio e o Fashion Business. Algumas chegam a participar de eventos nacionais como o Salão da Lingerie em São Paulo e internacionais como a Feira Mode City, em Paris.

De maneira geral, existe uma superexploração do trabalho (Marini, 1979) que no caso friburguense significa uma intensificação do trabalho, com adoção de novas formas de organizar o trabalho e de máquinas novas, como uma extensão da jornada de trabalho. Dessa maneira, a grande exploração do trabalho induz muitas operárias a preferirem o trabalho a domicílio para fugir do despotismo das fábricas, ainda que a jornada do trabalho seja muito grande.

Bibliografia

ABREU, Alice Rangel de Paiva. O avesso da moda: Trabalho a domicílio na indústria de confecção. São Paulo, Hucitec, 1986

_____. “O complexo da moda no Rio de Janeiro”. Série Estudos Ciências Sociais (8). Rio de Janeiro: UFRJ-IFCS-PPGS-LPS, junho, 1995.

ALVES, Giovanni. **Trabalho e Mundialização do Capital - A Nova Degradação do Trabalho na Era da Globalização**". São Paulo: Editora Praxis, 1999

_____. **O Novo (e precário) Mundo do Trabalho. Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo**. São Paulo: Editora Boitempo, 2000.

ANTUNES, Ricardo. “Trabalho, reestruturação produtiva e algumas repercussões no sindicalismo brasileiro”. In: **Neoliberalismo, trabalho e sindicatos**. São Paulo: Boitempo, 1997.

_____. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho.** 10º Ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

ARAÚJO, João Raimundo de. Nova Friburgo: o processo de urbanização da Suíça-Brasileira. (1890-1030). Niterói: Programa de Pós-Graduação em História, ICHF/UFF, 1992. **(Dissertação de Mestrado).**

_____. Nova Friburgo: A Construção do Mito da Suíça Brasileira (1910 – 1960) Niterói: Programa de Pós-Graduação em História, ICHF/UFF, 2003. **(Tese de Doutorado)**

_____, Mayer, Jorge Miguel (orgs). **Teia Serrana – Formação Histórica de Nova Friburgo.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003.

BEAUD, Stephane e PIALOUX, Michel. Entrevista: “O ‘mundo operário sem classe operária’: diferenças dos tempos sociais e condição operária”. In: **Dossiê Sociologia da Condição Operária. Tempo Social**, vol.18, nº 1, São Paulo, Jun. 2006.

BIHR, A. **Da grande noite à alternativa: O movimento operário em crise.** São Paulo: Boitempo, 1998.

BOITO, Armando. **Política neoliberal e sindicalismo no Brasil.** São Paulo: Xamã, 1999.

BORIN, Elaine Cavalcante Peixoto. “O Sebrae e os Arranjos Produtivos Locais: O Caso de Nova Friburgo/RJ”. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação Em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), **2006 (Tese de Doutorado)**

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, 4ª Edição.

BRAGA, Ruy. Uma sociologia da condição proletária contemporânea. **Tempo Social**, vol.18, nº 1, São Paulo, Jun. 2006.

BRUSCO, Sebastiano. “The Emilian Model: productive decentralisation and social integration.” **Cambridge Economic Journal.** v.6, n.2, 1982.

CAPECCHI, Vittorio. "La Economia Informal y el desarrollo de la especialización flexible en Emíllia Romagna". in: Alejandro Portes Ed. **La Economica Informal en los Países Dessarrollados y en los menos avanzados.** Buenos Aires, Planeta Política y Sociedad, 1990.

CÂNDIDO, Vera Maria. **O Coração da Fábrica.** Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1979.

CAVALCANTI, Marcos; LIMA, Rosa; NETO, André Pereira. Gestão do Conhecimento em Arranjos Produtivos Locais: o Caso de Nova Friburgo. **Revista Produto & Produção.** Vol 8, nº 3, p.35-44, Porto Alegre out. 2005

CHESNAIS, François . **A mundialização do capital.** Xamã, São Paulo, 1996

CORDEIRO, Cláudia Vieira Carestiatto; Et al. **“Atuação do Núcleo de Desenvolvimento e Difusão Tecnológica do Instituto Politécnico da UERJ nos Arranjos Produtivos Locais Têxtil/Confecções e Metal-Mecânico de Nova Friburgo: Ações e Oportunidades”**

CORIAT, Benjamin. **Pensar pelo avesso: o modelo japonês de trabalho e organização**. Rio de Janeiro: Editora Revan, Editora da UFRJ, 1994

CORRÊA, Helloisa Sersedello. A Industrialização de Nova Friburgo. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História ICHF/UFF, 1986. **(Dissertação de Mestrado)**

COSTA, Ricardo da Gama R. Visões do “Paraíso Capitalista”: Hegemonia e Poder Simbólico na Nova Friburgo da República. Niterói: Programa de Pós - Graduação em História ICHF/UFF, 1997. **(Dissertação de Mestrado)**

DRUCK, Maria da Graça. **Terceirização: (des)fordizando a fábrica**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

EMRICH, Victor. Trabalho, Greves e Futebol. Luta, Identidade e Sociabilidade na Formação da Classe Trabalhadora Friburguense (1911 – 1933). Niterói: Programa de Pós-Graduação em História, UFF, 2007. **(Dissertação de Mestrado)**

FERREIRA, Andrey Cordeiro. Tutela e Resistência Indígena: Etnografia e história das relações de poder entre os Terena e o Estado brasileiro. Rio de Janeiro: UFRJ/MN-PPGAS, 2007. **Cap. Ordem e Anarquia na Sociologia: percepções da mudança social e luta política (Tese de Doutorado)**

FERREIRA, Marcelo. S. A Formação de Redes de Conhecimento nas Indústrias Metal-Mecânica e de Confecções de Nova Friburgo. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação Universidade Federal do Rio de Janeiro. **(Dissertação de Mestrado)**.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

GAZZONA, Raquel da Silva. Trabalho feminino na indústria do vestuário. **Educação e Sociedade**. Ano XVIII, nº 61. Campinas/SP: Unicamp, Dezembro/97.

GEREFFI, Gary; Korzeniewicz, Migyel e Korzeniewicz, Roberto. "Introduction: Global Commodity Chains". In: Gary Gereffi & Miguel Korzeniewicz Eds. **Commodity Chains and Global Capitalism**. Westport & London, Praeger, 1994.

GORINI, Ana Paula Fontenelle. Panorama do Setor Têxtil no Brasil e no Mundo: Reestruturação e Perspectivas. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 17-50, 2000.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 6ª Ed. São Paulo; Loyola, 1996.

HASENCLEVER, L. Et al. **“Estratégia de Inserção das Incubadoras no Desenvolvimento Regional: O Caso do Núcleo de Desenvolvimento e Difusão Tecnológica em Nova Friburgo.”** Anais do X Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas, Belém, 2000.

_____. **“Desenvolvimento Regional e Governança: UERJ Exercendo o Papel de Hub em Nova Friburgo.”** Anais do XIII Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas, pp. 387-396, Brasília, 2003.

HIRATUKA, Celio. Estrutura de Coordenação na Cadeia Têxtil. Campinas: Programa de Pós-Graduação de Ciência Econômica da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1996.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. 4a edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

_____. **Estado e Capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965

JINKINGS, Isabella. Reestruturação produtiva e mercado de trabalho na Indústria Têxtil Catarinense. Santa Catarina: Programa de pós-graduação em Sociologia Política, UFSC, 2002. **(Dissertação de Mestrado)**.

LEITE LOPES, Jose Sergio. A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés. São Paulo: Marco Zero em co-edição com UnB e MCT/CNPq, 1988.

LIMA, Jacob Carlos. Novas Formas, Velhos Conteúdos: Diversidade Produtiva e Emprego Precário na Indústria do Vestuário. *Política & Trabalho* (15): 121-139. João Pessoa: UFPB, setembro de 1999

_____. “Trabalho, família e mobilidade social: um estudo sobre sociabilidade operária”. **Caderno CRH** n. 24/25:123-153. Salvador: UFBA, 1996b.

MARINI, Ruy Mauro. Subdesarrollo y Revolucion. México: Siglo Veintiuno Editores Sa, 1972, 4º Edição. **Cap. La superexploración del trabajo**.

_____. **Dialética de la Dependencia**. México: Editora Era, 1979.

MAYER, Jorge Miguel. Raízes e Crise do Mundo Caipira: O Caso de Nova Friburgo. Niterói: Programa de Pós Graduação em História, do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF), 2003. **(Tese de Doutorado)**

MENEZES, Paula Cristina Santos. “Trabalho e Identidade em uma cooperativa de produção na cidade de Nova Friburgo, RJ.” Rio de Janeiro: Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2008 . **(Dissertação de Mestrado)**

PROCHNIK, Victor. **Perspectivas para a Exportação de Confecções: O Caso do Pólo de Moda Íntima de Nova Friburgo**. Grupo de Pesquisa em Cadeias Produtivas do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Texto para Discussão. Rio de Janeiro, 2002. Acessado no site: www.ie.ufrj.br/cadeiasprodutivas

_____. **Estudo da Competitividade de Cadeias Integradas no Brasil: impactos das zonas de livre comércio. Cadeia: Têxtil e Confecções Nota Técnica Final**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia, Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (UNICAMP-IE-NEIT), Ministério do Desenvolvimento, da Indústria e do

Comércio Exterior (MDIC), Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), 2002.

SENGENBERGER, Werner; PIKE, Frank. Distritos e sistemas de pequena empresa na transição. In: URANI, André et al. **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos: o caso da Terceira Itália**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999

TEIXEIRA, Renato Cortes. A formação do Pólo de confecção em moda íntima em Nova Friburgo. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Economia, UFF, 2004. **(Dissertação de Mestrado)**

Sites

www.abit.com.br

www.arp.com.br

www.avozdaserra.com.br

www.fashionbusiness.com.br

www.fashionrio.com.br

www.iprj.uerj.br

www.intimafriburgo.com.br

www.revistafator.com.br

www.salaolingeriebrasil.com.br

www.sebrae.com.br

www.textilia.net

ANEXO – Fotos

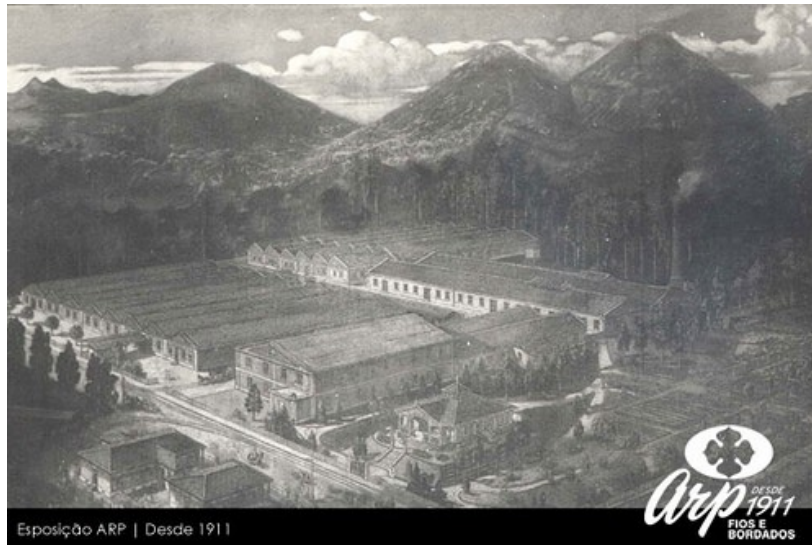


Ilustração 2. Fábrica de Rendas ARP 1917.



Ilustração 3. Fábrica de Rendas ARP Década 80.



Ilustração 4. Uma das Vilas Operárias da ARP a esquerda, com colégio ao fundo e um centro recreativo a direita. Destruído na enchente de 1997.



Ilustração 5. Ypu



Ilustração 6. Filó (Triumph)